

RE: Relatos que inspiram



O ano de 2020 tem apresentado desafios em todos os setores da sociedade. Indivíduos dos mais variados segmentos, de diversos países, precisaram se readaptar para dar continuidade às suas atividades profissionais. Com os profissionais de Educação Física não foi diferente. E se a realidade do país se difere do exterior, dentro do Brasil as discrepâncias não ficam para trás. Há alunos com celular, mas sem computador, com computador, mas sem internet banda-larga, sem celular e sem computador. O que fazer?

Diante de tantas diferenças, nesta edição - que é especialmente voltada para a discussão do COVID-19 e seus impactos, apresentamos dois relatos de profissionais que se adaptaram e, dentro das suas limitações, continuaram promovendo suas atividades, de forma online, com qualidade e segurança.

SUPERANDO BARREIRAS FÍSICAS, PROFESSOR LEVA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A ALUNOS DURANTE QUARENTENA

Sem aulas presenciais e trancadas em casa, as crianças acumulam energia. Para ajudá-las a gastar de maneira saudável e educativa, a Educação Física ultrapassa os limites físicos e leva, à casa de cada aluno, criatividade e motivação. É o que acontece nas cidades de Tabapuã e Catanduva, ambas em São Paulo. Preocupado em dar continuidade a um projeto iniciado em sala de aula e interrompido pela pandemia, Fabrício Gregório [CREF 040747-G/SP] decidiu não dar folga para seus alunos, mesmo impedido de encontrá-los na escola.

Para mantê-los ativos, o professor passou a enviar vídeos, todos os dias, com diferentes tarefas, partes de um projeto que acontece anualmente e, em 2020, estava programado para agosto, nas escolas EMEI Cesira Baratella Toledo e EMEF Prof. Maria Ap. Colturato Fernandes. No total, ele leciona em 18 turmas, que somam 425 alunos, todos na faixa de cinco a onze anos. Por meio do Projeto Educacional de Desenvolvimento dos Eixos Social, Ambiental e Corporal na Infância (PEDESACI), Fabrício os estimula a produzir brinquedos de sucata. “Quando o isolamento social foi recomendado, achei que levar o projeto aos alunos por meio da internet seria uma forma de, além de trabalhar as capacidades físico-motoras e o resgate de brincadeiras populares, ajudá-los a passar o tempo de maneira saudável”.



E bastante tempo. Isto porque, o material produzido é utilizado para atividades posteriores. Como as raquetes que Fabrício fez de papelão em um dos vídeos. Os três modelos por ele apresentado sensibilizam o aluno para o material esportivo: a criança percebe se ele funciona, se não deu certo, se ficou mole demais, se precisa de mais suporte, etc – tornando esse aluno mais íntimo de atividades esportivas.

Além desse estímulo, a maior parte dos brinquedos/brincadeiras desenvolve habilidades físicas como coordenação, agilidade e equilíbrio, como explica o professor. Por último, mas não menos importante, a iniciativa mantém as crianças seguras, já que todo o material necessário é aquele que já está disponível em suas casas, dispensando a necessidade de se expor ao coronavírus. De casa mesmo eles acompanham o professor. “Os vídeos são postados diariamente no Instagram e Facebook, além de serem enviados em grupos de WhatsApp”.



*“Além dos meus alunos,
os pais, familiares,
professores e amigos,
curtiram, visualizaram,
comentaram,
compartilharam,
sugeriram ideias e,
principalmente, aderiram”*

Por lá mesmo, Fabrício consegue medir a recepção dos alunos. “O retorno foi surpreendente. Inicialmente a proposta era postar atividades durante cinco dias, mas a participação foi tão grande que resolvi prorrogar por mais dois dias, depois por mais uma semana, e agora a intenção é continuar até o fim da quarentena”. Engana-se quem pensa que a atividade envolveu só as crianças. “Além dos meus alunos, os pais, familiares, professores e amigos, curtiram, visualizaram, comentaram, compartilharam, sugeriram ideias e, principalmente, aderiram”.

Alguns pais aderiram até mais que seus filhos. “As crianças maiores conseguem fazer grande parte dos brinquedos sozinhas, já as menores contam com a ajuda dos pais. Alguns relataram que estão se divertindo tanto quanto seus filhos, relembando as velhas brincadeiras”. Excelente oportunidade de deixar o celular de lado e aproveitar um tempo de qualidade em família.

Quem também têm a ajuda da família é o professor Fabrício. Alguns vídeos têm a participação especial da sua esposa, Manuela Gregório, que é pedagoga. Ela entra ajudando Fabrício a demonstrar para seus alunos algumas atividades, por exemplo, as em dupla. Os professores se viram como podem, tudo para garantir que as crianças não percam o gosto pela atividade física. Para produzir os vídeos, por exemplo, Fabrício, sem tripé, improvisa um apoio para o celular – ele não necessita de câmera profissional, de iluminação especial e nem de estúdio. Sua única necessidade é manter seus alunos ativos e levar a Educação Física para dentro do lar de cada um deles.



GRUPO ADAPTA AULAS DE JIU-JITSU E JUDÔ A DISTÂNCIA

Com quase 15 anos de existência, um projeto que ensina judô e jiu-jitsu, em Minas Gerais, precisou se reinventar para dar continuidade às suas atividades durante o período de distanciamento social. Pode parecer estranho que duas modalidades que exigem contato físico possam se adaptar ao ensino a distância, mas as aulas no formato têm feito sucesso entre os alunos.

Como nem todos os praticantes possuem estrutura para as aulas em casa, os quimonos foram substituídos por roupas de ginástica e o tatame por colchões, tapetes e até almofadas. Os exercícios também foram adaptados. Ainda assim, Linus Pauling [CREF 025592-G/MG], um dos idealizadores do projeto, conta que a turma permanece firme nas aulas e fiel às mensalidades. “Os alunos estão sentindo que estão sendo acompanhados de verdade, com seriedade e comprometimento. A gente tenta, ao máximo, fazer com que eles se sintam numa aula presencial”, indica.

Com a participação de alunos faixa-preta, os mestres definiram uma metodologia para manterem as aulas a distância. Inicialmente, os alunos recebiam um vídeo editado com a aula do dia, mas os professores perceberam que estava faltando interação. “Sentíamos falta de acompanhar o aluno, corrigir imediatamente, trocar informações. Além de poder corrigir os exercícios, que é a parte técnica, poderíamos contribuir também com a parte humana, conversando e escutando os alunos”, explica Linus Pauling. Na mesma semana, as aulas passaram a ser online utilizando um aplicativo de videoconferência.

Assim, semanalmente, os alunos participam das aulas online e, posteriormente, podem enviar dúvidas e compartilhar ideias através de um grupo via aplicativo de mensagem. Além disso, os professores também enviam material teórico sobre a história do jiu-jitsu, valores do esporte, regras, entre outros.



Antes da pandemia, as atividades eram realizadas presencialmente nas cidades de Juiz de Fora e Santana do Deserto. Na segunda, o projeto é oferecido gratuitamente através de uma parceria com a Prefeitura Municipal e a ONG Onda Solidária. A impossibilidade de encontros presenciais, no entanto, fez com que as aulas pudessem chegar ainda mais longe, atingindo alunos do Rio de Janeiro e até do exterior, por meio de um intercâmbio entre professores. No formato atual, o projeto atinge mais de 100 alunos, com faixa-etária entre 4 e 45 anos.

Linus conta que a iniciativa vem rompendo cada vez mais fronteiras e a metodologia tem sido compartilhada entre profissionais de várias regiões do país. Em um grupo virtual, com mais de 50 professores, eles têm trocado experiências para aperfeiçoar os projetos de cada equipe.

“Eu gosto sempre de reforçar que o que eu estou fazendo não é o ideal. A melhor forma de orientação é a presencial. Mas, para esse momento, essa foi a única forma que nós encontramos para dar continuidade às atividades”, afirma Linus Pauling.

Apesar disso, de acordo com o profissional, as aulas online têm contribuído para manter a equipe unida, além de ajudar os alunos a passarem pelo período de afastamento social da melhor maneira possível, com qualidade e segurança na prática das atividades.



ENVIE A SUA EXPERIÊNCIA
Nós queremos conhecer a sua experiência, seja ela na escola, academia, hospital, clube ou qualquer outro segmento.
Envie o seu relato para o e-mail revistaef@confef.org.br e teremos o maior prazer em compartilhá-lo.
